



Convento de Monchique: um achado inusitado

Rui Pinheiro*

RESUMO

Este pequeno artigo tem como objetivo dar a conhecer a descoberta de um veículo de tração animal durante a realização do acompanhamento arqueológico nos trabalhos de reconversão do Convento de Monchique numa unidade hoteleira.

ABSTRACT

This small article aims to reveal the discovery of a vehicle of animal traction during the accomplishment of the archaeological accompaniment in the works of reversion of the Monchique Convent in a hotel unit.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia urbana; Idade Moderna; etnografia.

KEYWORDS

Urban Archaeology; Modern Age; Ethnography.

* Arqueólogo. Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentam-se os dados da sondagem 20, realizada no âmbito da construção de um empreendimento hoteleiro no antigo Convento da Madre de Deus de Monchique, localizado na União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, concelho e distrito do Porto.

O promotor dos trabalhos foi o grupo hoteleiro Neya e a entidade executante a empresa Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda., tendo como codiretor da intervenção arqueológica e responsável pelos trabalhos de campo o signatário do presente artigo.

Esta sondagem foi realizada após a deteção de vestígios arqueológicos na vala 07, ocupando esta a totalidade da área do pátio localizado a sul do edifício da cozinha e do claustro.

FIGURA 1. Convento de Monchique. Edifício existente. Perspetiva da Rua da Restauração, Porto.



FIGURA 2. Envolvência do Convento de Monchique. Vista da Arrábida, Vila Nova de Gaia.

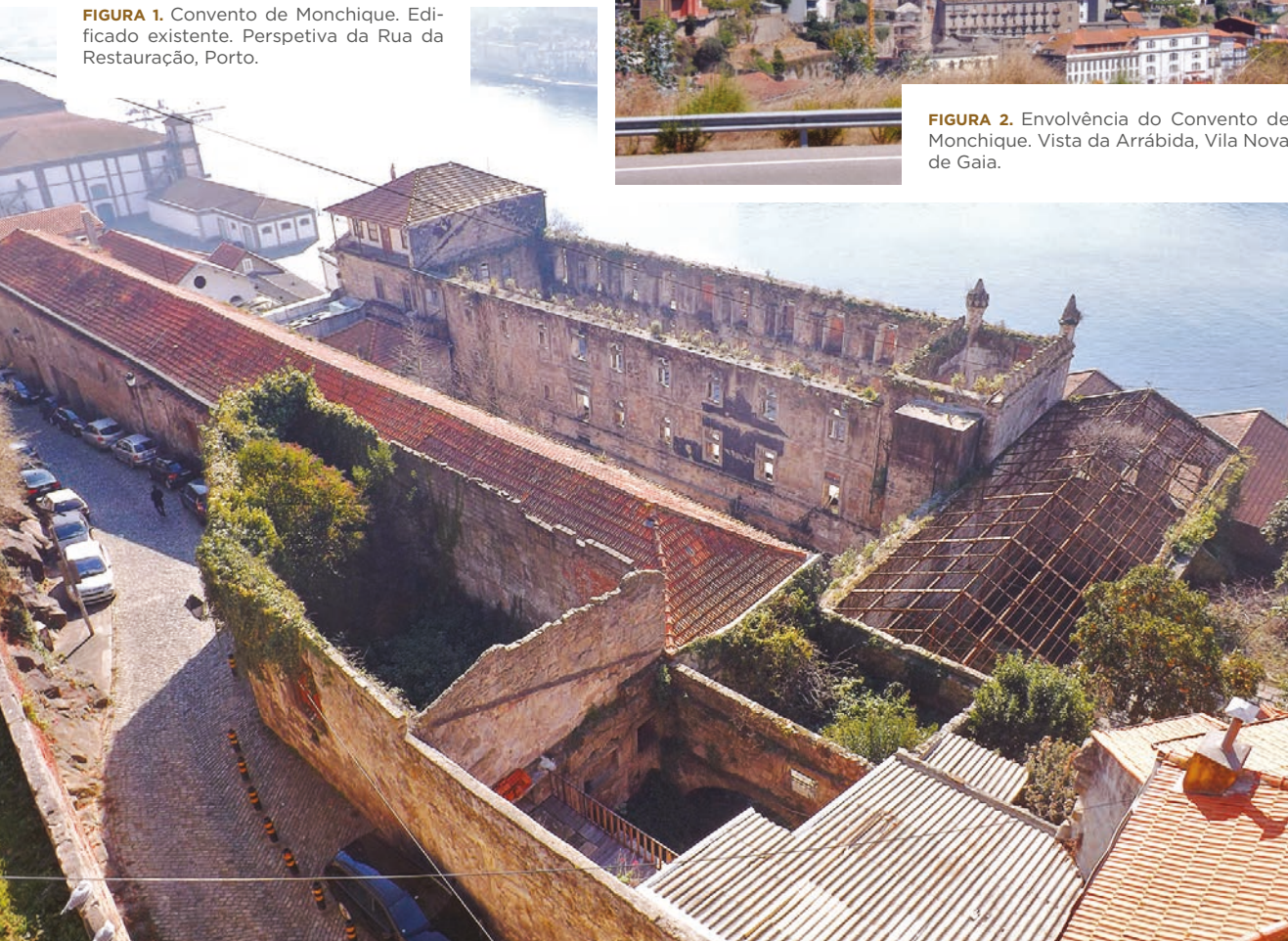




FIGURA 3. Área onde foi descoberto o veículo de tração animal. Vala 07.

O Convento da Madre de Deus de Monchique foi autorizado em 12 de novembro de 1535, pela bula *Debitum Pastoralis Officii*, dada pelo papa Paulo III (1534-1549).

Este Convento feminino pertencia à Ordem dos Frades Menores e à Província da Observância de Portugal. Está localizado no lugar de Monchique, zona exterior do perímetro da cerca do Porto, num local onde terá existido uma antiga judiaria com uma sinagoga, no século XIV.

Os seus fundadores, D. Pedro da Cunha e D. Beatriz de Vilhena, doaram, em 1533, o seu paço para a construção de um convento, dotando-o de inúmeros bens. Em 1538, deram entrada as primeiras religiosas, sinal de que o essencial das obras de adaptação deste espaço já estaria feito, sendo a sua abadessa D. Isabel de Noronha.

A fundadora foi sepultada na capela-mor da igreja do Convento, obra de Diogo de Castilho, deixando a comunidade como herdeira deste, bem como de todos os seus bens (Branco e Sousa, 2013).

No âmbito da reforma eclesiástica, pelo Decreto de 30 de maio de 1834, o Convento foi encerrado em agosto 1834, aquando da transferência das freiras para outros cenóbios da cidade do Porto, sendo os seus bens incorporados na Fazenda Nacional.

2. SONDAGEM ARQUEOLÓGICA

A sondagem 20 foi executada após a deteção de níveis arqueológicos na abertura de um depósito para águas, na zona do pátio (Obs. 18). A abertura deste depósito começou, sensivelmente, à cota de 1,20 m, já abaixo do ensoleiramento da cave do edifício do hotel.

Após limpeza e verticalização dos perfis verificou-se a presença de três barrotes de madeira no corte norte e de um outro barrote no corte oeste. Com a conclusão do registo gráfico e fotográfico da vala e com a recolha de materiais do corte norte, em reunião de obra decidiu-se realizar uma sondagem para avaliar os níveis detetados em acompanhamento.

A sondagem, com cerca de 8,5 m², atingiu uma profundidade média de 1,50 m, estando esta localizada a norte do depósito referido anteriormente. Esta localização foi escolhida em razão de a zona ser afetada pela construção de uma caixa de recolha de águas.



FIGURA 4. Obs. 18. Vista geral.



FIGURA 5. Obs. 18. Corte norte. Pormenor dos barros de madeira.

A estratigrafia verificada foi bastante simples. Após a remoção, por meios mecânicos, do resto de um sedimento limoso de coloração cinzento-escuro, que envolvia a estacaria de madeira que servia de sustentação à parede sul do claustro e da cozinha, começou-se a retirar, por meios manuais, uma unidade estratigráfica de coloração amarelada, de matriz arenosa [UE 2000], que cobria a UE 2001, sedimento limoso de coloração cinzento-escuro. Esta unidade cobria os barros de madeira [UE 2002] que faziam parte de um veículo de tração animal, concretamente de um carro de bois, surgido sobre a UE 2003. Esta cobria duas unidades, a UE 2004 e a UE 2005, sedimentos também de matriz arenosa. Esta última unidade cobria umas pedras de grande dimensão [UE 2006], não sendo possível perceber se estavam estruturadas ou não.

A escavação terminou precisamente na UE 2006, estando esta já abaixo da cota de afetação de obra.

O dado mais significativo desta sondagem foi a escavação de um veículo de tração animal – carro de bois – à qual foi atribuída a UE 2002. Este apareceu à cota de 0,20 m e estava em bom estado de conservação, embora não estivesse completo. O carro estava cortado pela zona do eixo do rodado, não tendo também o cabeçalho.



FIGURA 6. Sondagem 20. Início da escavação.



FIGURA 7. Escavação do carro de bois.



FIGURA 8. Carro de bois após a escavação. Vista sul-norte.



FIGURA 9. Vista sudeste-noroeste. Por menor do carro de bois.



FIGURA 10. Início dos trabalhos de levantamento em bloco do carro de bois.



FIGURA 11. Fase final do levantamento em bloco do carro de bois.

Aparentemente, este é um carro de chedeiro em ogiva, que é formado por um cabeçalho direito e comprido – peça não existente –, com as duas chedas encurvadas nas pontas dianteiras, às quais encosta o cabeçalho do carro. Entre as chedas ainda existem três travessas laterais e uma longitudinal, notando-se ainda os orifícios para colocar os fueiros. Também na ponta dianteira das chedas ainda estão presentes os dois orifícios onde se colocava os “travões” em madeira, que fixavam o cabeçalho às chedas. Ainda se conservam nos orifícios as duas peças em madeira que serviriam de “travão” ao cabeçalho. O cabeçalho seria amovível, tal como o rodado do carro (Brito, Baptista e Pereira, 1996). Na zona do rodado, as chedas seriam elevadas e reforçadas por uma peça – o coucão.

FIGURA 12. Morfologia das partes constituintes do carro de bois.

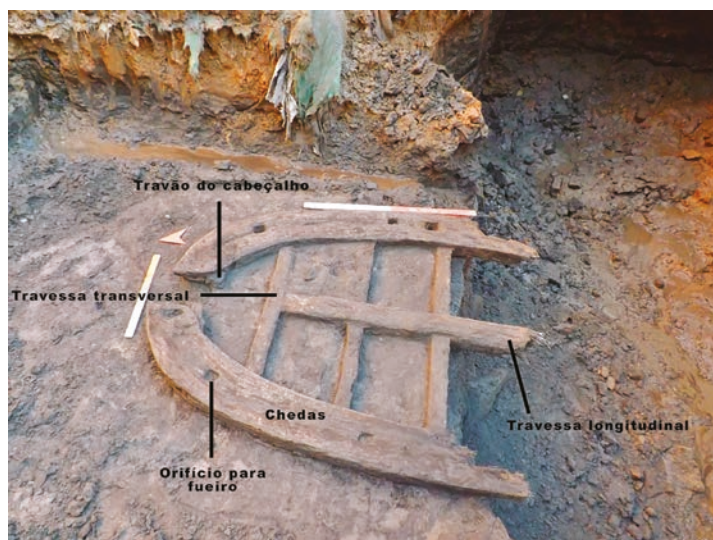


FIGURA 13. Ortofotografia do carro de bois.



Do interior do carro, entre as travessas laterais, foi recolhida uma castanha que, provavelmente, faria parte da carga do próprio carro. O material recolhido permite-nos apontar uma cronologia da Idade Moderna para o carro, entre finais do século XVI e inícios do século XVII.

3. CONCLUSÃO

A escavação desta sondagem permitiu-nos constatar alguns dados:

- Os sedimentos têm uma pendente noroeste-sudeste, tal como o substrato geológico, isto é, a potência estratigráfica é muito maior a sudeste do que a noroeste;
- Os sedimentos são de origem limosa, fruto do movimento de regressão/transgressão das marés do rio;
- O carro de bois está praticamente ao nível da estacaria, que está sob a parede sul do claustro e da cozinha;
- Com a análise do material exumado podemos datar o carro de finais do século XVI ou de inícios do século XVII, isto é, globalmente integrável na Idade Moderna;
- Atendendo ao contexto do achado, poderemos associar o carro de bois ao transporte de víveres para o Convento, embora esta associação seja apenas uma mera hipótese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Branco, L. A. e Sousa, P. P., 2013. *Estudo histórico-arquitetónico da parcela do extinto Convento de Monchique*. Porto: Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda.

Brito, J. P., Baptista, F. O. e Pereira, B., 1996. *O voo do arado*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura.

